Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico Da Sífilis Congênita No Estado Do Rio Grande Do Sul De 2014 A 2023

Autores: MARIA EDUARDA CALIARI DE BRUM (UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL), LIVIA DE OLIVEIRA SABIONI (UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL), RENATA DOS SANTOS RABELLO (UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL)

Resumo: O estado do Rio Grande do Sul ocupa a terceira posição em número de casos de sífilis congênita (SC) no Brasil, o que torna essencial a análise do perfil epidemiológico dessa condição para identificar os grupos populacionais prioritários para intervenções. O estudo visa analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita no Rio Grande do Sul entre 2014 e 2023, além de avaliar as implicações desse perfil para o Sistema Público de Saúde. Foi realizado um estudo ecológico, de caráter descritivo e temporal, com dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Foram coletadas informações sobre casos de sífilis congênita (CID-A50) no Rio Grande do Sul entre 2014 e 2023. As variáveis analisadas incluíram: realização de pré-natal, momento do diagnóstico, tratamento do parceiro, faixa etária e escolaridade da mãe. Utilizou-se o teste do Qui-Quadrado de Aderência para comparar proporções, com nível de significância de 5% ($p<0,05$). No período estudado, registraram-se 16.356 casos de sífilis congênita no Rio Grande do Sul. Das gestantes, 86,2% realizaram pré-natal e 72,4% foram diagnosticadas com sífilis durante as consultas. Em 47,5% dos casos, o parceiro não foi tratado. Quanto à faixa etária, 59% dos casos ocorreram em mães de 20 a 29 anos, e 33,3% das mães não completaram o ensino fundamental. Todas as variáveis mostraram significância estatística ($p<0,01$). No Brasil, a maioria das mulheres com sífilis são jovens adultas com baixa escolaridade, e a maioria realiza o pré-natal, conforme demonstrado neste estudo. A baixa escolaridade, com menos de oito anos de estudo, dificulta o acesso à informação, resultando em um entendimento limitado sobre a importância dos cuidados de saúde e medidas preventivas. Apesar de a maioria das gestantes realizar o pré-natal e a infecção ser identificada, a transmissão vertical da doença ainda ocorre. Isso sugere que as consultas nem sempre são eficazes, podendo haver interpretação incorreta dos exames e aplicação inadequada do tratamento. Ressalta-se também a importância do tratamento do parceiro durante o pré-natal, considerando a alta incidência de reinfecções na gestante. O estudo revelou que, apesar da alta taxa de pré-natal e diagnóstico gestacional, a prevalência de sífilis congênita no Rio Grande do Sul é preocupante. Fatores como a eficácia das consultas, o tratamento do parceiro e a escolaridade das mães são cruciais. As intervenções de saúde pública devem focar na melhoria da qualidade do atendimento pré-natal, garantir o tratamento adequado dos parceiros e promover educação em saúde, especialmente para gestantes com baixa escolaridade.